

ÍNDICE

EDITORIAL	5
-----------------	---

O JOVEM LIMA DE FREITAS

DESENHOS & POEMAS	8
LIMA DE FREITAS EM ÉVORA Joaquim Domingues	19
A ESTÉTICA SIMBÓLICA DE LIMA DE FREITAS António Braz Teixeira	23
EXERCÍCIOS DE <i>ESSENCIALIDADE</i> E <i>EXISTENCIALIDADES</i> A PARTIR DE LIMA DE FREITAS E DE UMA SUA EXPERIÊNCIA OLEIRA EM PORCHES/ LAGOA (ALGARVE) César Tomé	28
LIMA DE FREITAS E A ARTE REAL Carlos Dugos	35

ANTÓNIO SÉRGIO, MEIO SÉCULO DEPOIS

O PROGRESSO NACIONAL NA OBRA SERGIANA Carlos Mota	38
ANTÓNIO SÉRGIO: MORAL, CAPITALISMO, COOPERAÇÃO, TÉCNICA E O LIMAR DE UMA NOVA ERA João Príncipe	42
A ATITUDE MENTAL DO ENSAIO-PROÉMIO DA “HISTÓRIA DE PORTUGAL” DE ANTÓNIO SÉRGIO: ALGUMAS DIVAGAÇÕES José Eduardo Reis	76
ANTÓNIO SÉRGIO, A CONTRALUZ Renato Epifânio	82

OLAVO DE CARVALHO, AUTOR DE *ARISTÓTELES EM NOVA PERSPECTIVA*

ARISTÓTELES E A FILOSOFIA PORTUGUESA: O CONTRIBUTO DE OLAVO DE CARVALHO Joaquim Domingues	88
DA FILOSOFIA ENQUANTO RADICALIDADE: OLAVO DE CARVALHO COMO EXPRESSÃO (IM)PREVISTA DO GRUPO DA FILOSOFIA PORTUGUESA Pedro Vistas	93
OLAVO DE CARVALHO COMO FILÓSOFO: UMA ABORDAGEM INTEGRAL Mário Chainho	100
OLAVO DE CARVALHO E O PENSAMENTO PÓS-MODERNO João Maurício Brás	109
A VALIA DE OLAVO OU O VALOR DA IMPERTINÊNCIA Carlos Aurélio	115
A AMBIGUIDADE DO OCIDENTE E O ESQUECIMENTO DO MUNDO LUSÍADA: SOBRE A POLÉMICA ENTRE OLAVO DE CARVALHO E ALEKSANDR DUGIN Alexandre Franco de Sá	121

OUTROS VULTOS

ABRANCHES DE SOVERAL António Braz Teixeira	128
ALMADA NEGREIROS José Almeida	133
ANTERO DE QUENTAL Nicolau Saião	135
ANTÓNIO OSÓRIO António José Borges	137
ANTÓNIO TELMO Carlos Aurélio	138
CLARICE LISPECTOR Marta David	139
EDUARDO LOURENÇO Paula Oleiro	140
EUNICE MUÑOZ José Lança-Coelho	148
FERNANDO ECHEVARRÍA António José Borges	149
JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA José Carlos Pereira	150
JOSÉ CARLOS RODRIGUES José Maurício de Carvalho	154
MANUEL FERREIRA PATRÍCIO Emanuel Oliveira Medeiros	156
MIGUEL TORGA Annabela Rita	160
PEDRO TAMEN António José Borges	163
Pe. ANTÓNIO VIEIRA Brunello Natale De Cusatis	164

OUTROS VOOS

O CONTRIBUTO DA PEDAGOGIA PORTUGUESA PARA
A UNIVERSALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESTÉTICA | Artur Manso 174

MITOGÉNESE DA CIDADE DE DEUS: TEÓPOLIS E BELO MONTE | Bernard Emery 179

UMA CASA DA LUSOFONIA NA GALIZA | Daniel Lago Leirós 191

O MITO DE FAUSTO | Débora Domke Ribeiro Lima 193

EDUCAR, PENSAR E ESCREVER: DOAÇÃO DE SENTIDO
E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO | Emanuel Oliveira Medeiros 198

CONHECIMENTO E APRENDIZAGEM – *VERSUS* E APONTAMENTOS
PARA OS DILEMAS PEDAGÓGICOS DO SÉCULO XXI | Joaquim Pinto 202

DO TRABALHO E DO DINHEIRO | J.A. Alves Ambrósio 207

DA TRAVESSIA DO ESPÍRITO | Luís de Barreiros Tavares 209

NO MUNDO DAS LETRAS | Maria Afonso Sancho 210

VIDA ATIVA & ÓCIO: CONTRIBUTO PARA UMA ANTROPOLOGIA DA AÇÃO | Paulo Ferreira da Cunha 211

CARTA DE DIA DE REIS | Pedro Figueira 217

DEAMBULAÇÕES PRÓ-LUSÓFONAS | Renato Epifânio 219

AUTOBIOGRAFIA 10 | Samuel Dimas 224

EXTRAVOO

ENTREVISTA A PINHARANDA GOMES 244

BIBLIÁGUIO

A VIDA IMAGINADA; INTERROGAÇÃO E DISCURSO;
A SAUDADE NA POESIA LUSÓFONA AFRICANA | Renato Epifânio 252

OS IRMÃOS ARRIAGA: FILOSOFIA, HISTÓRIA E LITERATURA | João Bosco Mota Amaral 253

ESTUDOS SOBRE ANTERO | António Braz Teixeira 254

MUDAR O MUNDO | Joel R. Gómez 261

PHILOSOPHIA E PHILOMYTHIA EM EUDORO DE SOUSA | Samuel Dimas 263

A VIA LUSÓFONA V | Fernando Dacosta 267

TABULA RASA III | Renato Epifânio 267

POEMÁGUIO

LIMA DE FREITAS | Renato Epifânio 7

MEDITAÇÃO DO MARQUÊS DE CHAMILLY | António José Queiroz 36

BANDEIRA; (GALGA MARES) | Luísa Borges 37

ONTEM | David Regueiras 86

ENTRE FOLHAS | Maria Leonor Xavier 86

CASA DO PENEDO; BOSQUE DE INVERNO | Manuel Dugos Pimentel 87

LAGOS ; FICO E NÃO | Jesus Carlos 173

AO CANIBAL | Jaime Otelo 242

PARA ANTÓNIO TELMO | Pedro F. Correia 242

TRANSPARÊNCIA ; VONTADE | Samuel Dimas 243

MADRESSILVA; A ESTRELA DO PASTOR E O SOL; CORES | Joel Henriques 250

SEVERA | Manoel Tavares Rodrigues-Leal 268

É SÓ ISSO NEM ISSO É | António José Borges 269

MORADAS: CADERNO POÉTICO E VISUAL

Poemas de José Carlos Pereira e desenhos de Filipe Romão 270

LIMA DE FREITAS EM ÉVORA

Joaquim Domingues

A tarefa de inventariar a obra de Lima de Freitas, nas muito diversificadas modalidades da criação artística cultivadas ao longo de uma vida operosíssima, é desafio, que há-de revelar uma das mais poderosas personalidades da segunda metade do século XX. O contributo, que a *Nova Águia* traz a lume, tem o especial interesse de ajudar a melhor compreender a sua génese, na fase mal conhecida de transição da adolescência para a juventude. Trata-se de um conjunto de poesias, datadas de 1944 a 1946, que no Verão de 1947, estando em Évora, Lima de Freitas ilustrou para enviar a pessoa amiga de Lisboa.

É significativa, desde logo, a sequência cronológica, articulando os dois domínios, na transição do lirismo verbal, de acento subjectivo, para as artes visuais, qual “voz visível” nas imagens de mais objectivo e directo impacto social. Aliás, o ano de 1947 é por ele mesmo dado como início do percurso, que em 1998 celebraria com o volume *Lima de Freitas. 50 anos de pintura*, ainda hoje a principal referência para quem queira compreender o homem e a obra. O artista e homem de cultura, pois acerca dos lances pessoais e familiares são muito parcas e genéricas as informações disponíveis.

Ora, se as criações artísticas obedecem a uma lógica própria, tradicionalmente cifrada na noção de inspiração, e se integram, por via de regra, em movimentos geracionais, está longe de ser despidendo o contributo da biografia, tanto nos traços singulares, como nos contextuais, para a sua exegese e hermenêutica. No caso de Lima de Freitas, é bem mais fácil identificar quanto ficou a dever às tendências contemporâneas do que, por exemplo, à herança familiar, que por certo condicionou o modo como se posicionou perante o seu tempo. Como,

por exemplo, o facto por ele mesmo revelado da “cepa hindu pelo lado da mãe” (Lima de Freitas, *Um caminho secreto. Ensaios inéditos*, Lisboa, 2005, p. 26); remetendo para certo universalismo radicado na comunidade goesa; de algum modo partilhado pelo tio louletano Pedro de Freitas, músico apaixonado e escritor prolífico, que em 1962 publicou o volume *Eu fui à Índia*.

Por altura dos inéditos agora vindos a lume começara a destacar-se na vida intelectual de Évora, onde era desde 1943 director do Museu Regional, o jovem historiador de arte Mário Tavares Chicó, cujo último nome acrescentara ao seu de baptismo por gratidão para com o engenheiro agrónomo Manuel Rodrigues Chicó, natural de Goa, em cuja família recebeu a criação, como acontecera já com sua mãe. Um dos seus primeiros livros, *A Catedral de Évora na Idade Média*, saiu em 1946, com a chancela das Edições Nazareth, de Évora, onde trabalhava o pai do futuro artista, o fotógrafo David Freitas, que nesse mesmo ano se reformou do exército e passou a dirigir a Fotografia Nazareth; sendo da sua autoria, apesar de não identificadas, fotografias daquele livro, como outras, que ilustraram os trabalhos de Mário Tavares Chicó, de Túlio Espanca, assim como de outros autores; a sua colecção, composta por mais de seis mil peças, foi entretanto adquirida pelo município eborense. Fotógrafo amador desde os catorze anos, David Afélio de Freitas nascera em 1902, em Loulé, tendo seguido a carreira de músico militar a partir de 1923, razão pela qual mudara por mais de uma vez de residência. Terá sido em Setúbal, que casou com Maria Nazaré de Lima de Freitas, um ano mais nova, natural da freguesia de Nossa Senhora da Anunciada, daquele concelho, que

o jacobinismo republicano crismara então de Marquês de Pombal; aí nascendo, a 22 de Junho de 1927, José Maria Lima de Freitas e no ano seguinte a sua irmã Leonor Lima de Freitas; passando depois a Faro, em 1934, e a Évora, em 1940, onde David Freitas deixou a vida militar, para se dedicar inteiramente à fotografia.

Na capital do Alentejo, no Liceu de André de Gouveia, instalado no antigo Colégio de Espírito Santo, é que Lima de Freitas completou o curso liceal, até se matricular na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, em Arquitectura, por sinal o objecto principal dos estudos de Mário Tavares Chicó, quer no âmbito da arquitectura religiosa medieval, quer no da Índia Portuguesa, onde foi autoridade reconhecida. Nessa fase, entre 1942 e 1947, o futuro pintor integrou, como segundo violino e mais tarde primeiro violino, a Orquestra Sinfónica Eborense, dirigida, durante a sua breve existência, pelo tenente músico Manuel João Alves; e em cujo grupo coral, no naipe dos sopranos, cantava a irmã Leonor. Uma família onde abundavam os dons artísticos, musicais e literários, incluídos os de outro parente algarvio, que se tornou conhecido em Lisboa como pintor decorativo de interiores.

Concluído o curso complementar de ciências no liceu eborense a 13 de Julho de 1945, com a classificação de 17 valores, o jovem José Maria Lima de Freitas requereu, a 18 de Setembro, o exame de admissão ao curso especial de Arquitectura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, tendo sido preparado na matéria artística pelo prestigiado mestre pintor Luís Salvador Marques da Silva (1896-1986). Aprovado, irá requerer, a 11 de Outubro, a matrícula nas cadeiras do primeiro ano, e de novo, a 14 de Setembro de 1946, a inscrição em quatro cadeiras, uma das quais ainda do primeiro ano do curso e outra já do terceiro. O último requerimento, onde volta a inscrever-se na cadeira atrasada e mais três do terceiro ano, datado de 12 de Setembro de 1947 e mantendo a morada de Évora, na rua de S. Domingos, 3, D, não teve sequência, já que essas disciplinas não constam das duas certidões que pediu, em 1969 e 1983. O que está conforme à informação de

ter abandonado o curso por incompatibilidade com um docente.

Em traços muito sumários, eis o contexto desta fase da vida do artista, na altura em que o Estava Novo consolidava as suas instituições, na sequência do tormentoso decénio ocorrido entre o início da Guerra Civil Espanhola e o fim da Segunda Guerra Mundial. De tudo o que quase nenhum eco se detecta nas poesias e só indirectamente, como sintoma de algum tédio e expressões de protesto, se poderá entrever numa ou noutra ilustração. Sendo evidente, porém, que os traços essenciais do estilo do artista plástico estavam já definidos, na segurança do traço, na combinação entre o realismo expressivo, o simbólico e o fantástico, o apontamento preciso e a alusão indefinida; a expressão serena ou severa, quase hierática, de profunda seriedade e o ligeiro, dinâmico ritmo de comunhão universal. Recorrendo ao livro comemorativo dos cinquenta anos de pintura, dividido em sete capítulos, como sete eram os decénios do artista, podemos aproximar estes desenhos e poesias do que ali se consideram os primeiros anos, antes das fases do nigredo e do albedo, com seu desdobramento em quatro ciclos. Itinerário onde a busca do conhecimento e o exercício da especulação se articulam regularmente com a criação artística e a intenção operativa; como a de quem tivesse por lema, não apenas descobrir, como desentranhar “o invisível que habita o visível”; no limiar do *visionário*, qual revelação, que “desce como uma aparição das profundezas do céu, já pronta e perfeita, coesa e articulada na sua infinitude inesgotável, feita de uma evidência cegante, incompreensível e, todavia, banhada de luz e de simplicidade.” (*Lima de Freitas. 50 anos de pintura*, p. 238)

Estamos perante os primeiros exercícios de quem se destacaria na ilustração gráfica de muitas dezenas de livros, desde os ditos policiais e de ficção científica aos de grandes mestres da literatura, com destaque para os poetas, Luís de Camões, Fernando Pessoa e Bocage, entre outros. Aliás, a vertente de “ilustrador” mereceu a Lima de Freitas especial atenção, num texto de 1972, “Sobre as relações entre o verbal e o visível. A propósito da ilustração de ‘Os Lusíadas’”, depois incluído

Na personalidade do autor de *As Imaginações da Imagem* conflui a herança de diversas gerações de artistas, que, ao invés dos de origem urbana e em especial do horizonte mental lisboeta, muitas vezes desenraizados e por isso carentes da adesão a qualquer modernismo, mantiveram firme ligação aos valores da tradicional sabedoria popular, que

se esmeraram por recriar e renovar, sem a trair. Urge, por isso, procurar a genealogia de uma obra, que, de tão rica, alta e fecunda, parece quase de geração espontânea; quando, afinal, tem raízes bem fundas, quer na alma popular, quer na mais erudita, como a de um Francisco de Holanda, em quem Lima de Freitas claramente se revia.

A ESTÉTICA SIMBÓLICA DE LIMA DE FREITAS

António Braz Teixeira

1. Na vida e na obra de Lima de Freitas (1927-1998), a criação plástica foi sempre de par com uma exigente reflexão sobre a arte e a simbólica artística, inicialmente de uma perspectiva estético-filosófica e, num segundo momento, no âmbito da geometria sagrada e da numerologia, de feição hermética e esotérica (cf. *LE*, p. 21).

A primeira encontrou a sua expressão nas colectâneas *Pintura incómoda* (1965), *Voz visível* (1971) e *As imaginações da imagem* (1977) e no longo ensaio *O labirinto* (1975), enquanto a segunda, de que neste último livro há já significativos elementos, se desenvolveu a partir do encontro com Almada Negreiros, José Marinho, Raymond Abellio e Gilbert Durand (cf. *CS*, p. 22), dela dando expressivo testemunho os ensaios *Almada e o número* (1975) e *515, o lugar do espelho* (1993), bem como os estudos reunidos em *Pintar o sete* (1990) e nas colectâneas póstumas *Um caminho secreto* (2005) e *Porto do Graal* (2006), que recolhem escritos redigidos ou publicados entre 1983 e o ano da morte do artista-filósofo.

No presente estudo, será apenas aquela primeira fase do percurso especulativo de Lima de Freitas que irá ser considerada, com o intuito de procurar determinar o significado e valor da sua reflexão no quadro do pensamento estético português contemporâneo.

2. O pensamento estético de Lima de Freitas insere-se, desde o seu juvenil início, na mais rica e significativa linha especulativa da nossa contemporaneidade, a de uma estética de cariz *simbólico*, iniciada por Aarão de Lacerda (1890-1947), na década de 1910, prosseguida pelos seus discípulos José Marinho (1904-1975) e Álvaro Ribeiro (1905-1981) e por dois discípulos destes, Afonso Botelho (1919-1996) e António Quadros (1923-1993), e na qual se integra, igualmente, a meditação sobre a arte levada a cabo por Almada Negreiros (1893-1970), Vergílio Ferreira (1916-1996) e Dalila Pereira da Costa (1918-2012).

É esta concepção simbólica da estética de Lima de Freitas que fundamenta e explica não só toda a sua criação plástica como também a sua permanente atitude crítica relativamente à arte abstracta (nisso se contrapondo, implicitamente, às posições estéticas de Eduardo Lourenço¹), bem como a sua compreensiva valorização do surrealismo, sem prejuízo de reconhecer e assinalar as suas limitações ou insuficiências, bem como o sentido da sua crítica valorativa de alguns pintores portugueses contemporâneos (cf. *PI e II*).

¹ Cf. A. Braz Teixeira, "O pensamento estético de Eduardo Lourenço", in *Nova Águia*, n.º 24, 2.º semestre de 2019, pp. 165-170.

poderiam ser muitas mais) de uma das suas obras principais:

*A Península é o resultado de camadas de subconscientes muito variadas: nórdicos, celtas, árabes, com todas essas moiras encantadas... tem, por isso, um fundo mítico muito grande; (...) e é através do estudo dessas formas que podemos alcançar uma possibilidade séria de autoconhecimento.*²⁶

Estamos, assim, chegados aos *mitolusismos* e aos *mitologemas* tal como foram pensados – como que em sintonia – pelo artista/pensador português e pelo antropólogo francês. Quando atrás falávamos em linguagens e quando mergulhámos nas suas demandas primordiais incessantes e tradicionais, não nos referíamos – é certo e ainda – às linguagens do imaginário colectivo português/luso que tanto absorveu Lima de Freitas. Para o autor de *Porto do Graal*, o imaginário colectivo é a linguagem que permite aceder ao *ser no mundo*, é o imaginário colectivo que permite compreender e agir sobre o mundo. Importa, por conseguinte, obter uma *visão* global (*speculatio*) do mundo e do imaginário, para que ambos – conjugadamente – contribuam para a sua compreensão mútua e holística. Este imaginário colectivo, como linguagem que é, constituiu-se em mitos, suporta-se, entrelaça-se numa teia complexa de mitos que radicam primordialmente na história, nas estórias que, como tal, importa conhecer, desbravar, compreender, interpretar, uma vez que são eles a chave que nos permite saber quem somos, o que fomos e o que poderemos vir a ser como comunidade, País, Pátria, Nação. Lima de Freitas enunciou os mitos essenciais lusos que serviram de base à construção do seu conceito – *mitolusismos* – tendo, para o efeito, tido a necessidade *regressiva* de apreender as tradições, as estórias, as linguagens primordiais. Daí que – como vimos aduzindo – a sua experiência oleira algarvia de Porches – Lagoa – tenha ocupado, tenha desempenhado um papel relevante – ainda que circunstancial, ainda que existencial no sentido que lhe conferiu Delfim Santos²⁷ – nesta sua busca incessante pelas ancestralidades míticas fundantes da nossa

essencialidade colectiva, ainda que o tenha sido (ainda) numa sua perspectiva mais realista do que *fantástica* e/ou imaginária.

*(...) os mitos não se aniquilam: ou se concretizam, fazendo emergir uma nova realidade mítica, ou são recalçados à força para o inconsciente colectivo de um povo, tendo isto acontecido com o caso português. Quer dizer, os mitos recalçados no século XVI continuam vivos no inconsciente colectivo da população portuguesa e a dar sinais de sua presença. Uma característica do povo português é o seu universalismo, existindo nele uma apetência natural para se fundir com outros povos.*²⁸



L. de F. em 1946.

²⁸ Loução, Paulo Alexandre – *A Alma Secreta de Portugal*, 4. ed. Lisboa, Esquilo, 2007, pág. 207. Não será despidendo relembrar que a origem primordial do étimo *mito* remonta ao *mythos* aristotélico que significava o enredo, a história organizada em entrecho, em intriga, era a alma da tragédia, a imitação da acção; in Aristóteles – *Poética*, Lisboa, Tradução e notas de Ana Maria Valente, Fundação Calouste Gulbenkian, 2018, págs. 37 e 48 a 51.

²⁶ Freitas, Lima de – *op. cit.*, pág. 77.

²⁷ Santos, Delfim – *op. cit.*, págs. 22 a 45.